

MUSEU DA PESSOA

História

Tenho um time de futebol da cooperativa

História de: [Janilson Andrade Santana](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 20/09/2005

Tags

- [cooperativismo](#)

História completa

P - Janilson, eu queria que você começasse me dizendo o seu nome completo, a data e o local de nascimento.

R - Eu nasci em Piritiba, na Bahia, é, nasci em 1967, em dia 18 de 67.

P - E você ficou em Piritiba até que idade?

R - Eu fiquei em Piritiba até cinco anos de idade, aí depois nós destinamo para o sertão, né, da Bahia, é Irecê, de Irecê eu e meu pai nós viemos para Barreiras, outra cidade na Bahia, aí de Barreiras nós viemos para Brasília.

P - Vocês vieram para Brasília fazer o quê?

R - É porque na Bahia tava ruim De trabalho, de emprego, a gente tava passando dificuldade porque você sabe a classe pobre sofria muito, nessa luta que nós chegamos em Brasília, aí nós partimos, né, pro lixão catar material reciclável.

P - A família inteira veio?

R - Era família inteira, meu pai, minha mãe, meus irmãos.

P - Todo mundo catando?

R - Aham. Quando eu cheguei em Brasília, aí eu fui crescendo, trabalhando aí também, aí comecei, consegui arrumar a primeira vez, consegui arrumar uma namorada, aí me juntei, já tenho cinco filhos. A minha filha mais velha tem catorze anos, ela hoje faz parte do movimento Menino de Rua aí de Brasília, ela tá numa agenda que a Cáritas lançou agora em 2005, faz parte de uma página, essa menina minha. E eu acho que para mim, eu não tinha estudo e graças a Deus agora eu tô num local que todo mundo já ta me conhecendo dentro de Brasília, cheguei lá e ninguém me conhecia e hoje graças a Deus eu me sinto quase cidadão.

P - E voltando um pouquinho, como é que era quando vocês trabalhavam com a sua mãe coletando, como é que era, como você começou a coletar?

R - É, quando eu cheguei em Brasília, eu tava com 15 anos. Aí cheguei e fiz um carroção, daqueles de madeira, daquele que a gente puxa no peito, aí comecei a trabalhar. Ia para o lixão lá, era longe, dava uns seis quilômetros, carregando ferro, alumio, papel, cobre, latinha. E fui lutando, a dificuldade de ajudar o meu pai e lutei e graças a deus ajudando o meu pai e os meus irmãos. E hoje para mim é uma felicidade, que graças a Deus nós criamos junto trabalhando, nunca pegamos o que é alheio graças a Deus e nós tamos seguindo a vida, nós só não tinha estudo, mas com o lixão nós não arrumamos patrão e conseguimos ter o nosso trabalho. E hoje nós prossegue agora a vida de catador, e nós vive correndo atrás para nós ser reconhecido como agente ambiental.

P - E você faz parte de alguma cooperativa?

R - Eu sou presidente da cooperativa Cortrap [Cooperativa de Reciclagem, Trabalho e Produção]

P - E você fundou a cooperativa, como é que foi?

R - Lá lançou a cooperativa, aí concentrou uns 5 presidentes. Aí não fez nada pela cooperativa, conseguiram desviar o dinheiro da cooperativa, aí onde o povo que acreditou em eu e vinha lutando dentro da cooperativa dando conselho. Aí elas me elegeram para mim ser o presidente da cooperativa, e hoje tá com dois anos e eu graças a Deus já conquistei um bocado de coisas, eles confiaram em eu e eu vivo lutando para ver se nós consegue mais coisa para a cooperativa.

P - E como surgiu é que essa idéia de tocar a cooperativa?

R - Essa idéia da cooperativa, lá tem um Movimento Menino de rua. Aí tem um menino que chama Carl, ele hoje ele tá na UNB [Universidade de Brasília] estudando, tá se formando já. Aí começou, uma menina encontrou ele numa rua de Brasília, ele tava lá lustrando sapato na rua. Aí ela disse: "Você é filho de quem?". A Eliana, ela tava na Câmara dos Deputados, né, federal ela falou: "Você é filho de quem?". Ele falou: "Sou filho de Marcos, Florzinha.". Aí ela disse: "Não, eu quero conhecer eles." Aí foram com ele lá, quando chegou lá, eles começaram a caminhar com ele para jogar um futebol, dar um passeio na Água Mineral, que é um clube que o povão toma banho. Eles chegou e eles disse que queria convidar a gente para ver se nós queria fazer uma associação. Eles começou indo lá a fazendo reunião, nós disse: "Não, vamos ajeita aí, ver se nós consegue.". E convidar os papeleiro, que nos morava num cerrado, lá detrás da Câmara Federal em Brasília. Aí juntamos o povo e começamos a fazer as reuniões. E daí para frente começamos a fazer logo uma associação, que o nome dela chama Brasip. Aí candidatou o primeiro presidente da Brasip que chamava Miguel, o Lidivar que era o vice, aí quando fizemos a associação, aí nós lançamos a cooperativa que chama Cortrap, aí esse Lidivar foi o candidato, candidataram ele, aí ele ganhou para ser o presidente da cooperativa. Esse aí foi de uns que pegou o dinheiro dos catadores e sumiu, né, aí a cooperativa candidatou outro, o outro também desviou. Aí foi lutando, o povo queria desistir da cooperativa e como eu tava lá dando uns conselhos eu digo: "Não, gente, vamos lutar, não vamos acabar isso aí, não.". Eles queria acabar a cooperativa, eu digo: "Não, nós vamos acreditar.". E essas meninas do movimento também dava um apoio muito grande pra gente. Nós lutando com a dificuldade, que era difícil. E elas dando um apoio, que elas é um coração quase da cooperativa, né, essa Eliana do Movimento Menino de Rua e conseguimos. Aí elas me tentando: "Vai, Guto, vai.". E eu digo: "Não, eu não tenho estudo, para mim ficar sendo candidato a presidente da cooperativa, e vocês querem meter eu.". E ela disse: "Não, vai, eu lhe boto na escola.". Aí começou, me matricularam lá, aí eu fui para escola e comecei a desenvolver, né, a cooperativa, já aprender a assinar o nome, aí depois já assinava ata da cooperativa e fui desenvolvendo o meu papel.

P - E como foi ir para a escola a primeira vez?

R - Eu ficava muito com vergonha, eu daquela idade a primeira vez ir para a escola.

P - Vergonha?

R - É, desse tamanho, eu digo, vim para a escola não estudei de novo, mas eu acho que eles me deram um apoio e eu acreditei, tentei e tô brigando. Agora eu tô lá na escola e tô já na auto-escola lá do Detran [Departamento de Trânsito] tirando uma carteira para mim, acreditei neles e tô lutando por eles.

P - E como é agora conseguir escrever?

R - É que nada é difícil para você, não é tarde, né? Você tem é de acreditar e resistir naquilo que você tem a opinião de ser.

P - Que sonho que você tem?

R - Meu sonho, eu tenho fé em Deus de ser um grande líder dentro de uma cooperativa e apoiar a comunidade, ser uma coisa muito importante. Porque hoje eu dentro de Brasília graças a Deus sou importante, tenho lá na cooperativa um time de futebol da cooperativa, eu apresento nas cidades satélite de Brasília com esse time que nós tem, nós concorre os campeonatos que tem dentro de Brasília também. E eu apresento nos ministérios com uma ciranda, né, da cooperativa é umas crianças que tem, a maior parte é uns sobrinhos meus, é meus filhos dessa ciranda, é com a perna de pau.

P - E como que é a relação da sua cooperativa com as outras cooperativas?

R - Nós temos uma relação muito grande, tem essa aí que é desse Marcelo [Marcelo Ricart Alves Monteiro, presidente da Cooperativa] que saiu aí, é o mesmo que nós ser uma cooperativa assim parceria, né? Quando ele precisa da gente, nós vamos lá e serve ele, na hora que nós precisa ele serve a gente, e ele é uma grande pessoa, e eu garanto que a mesma coisa ele pensa de eu, né, de nossa cooperativa. E para mim é um sonho tá junto com eles resolvendo as dificuldades que os catadores têm.

P - O que você acha de estar em um congresso como esse encontrando vários catadores?

R - Pra mim é muito importante, que a gente tá vivendo e aprendendo, né, as coisas novas.

P - Tá bom, você quer dizer mais alguma coisa que agente tenha esquecido de perguntar? R: Não, e para mim eu agradeço vocês muito de ter

esse convite, que ele foi lá me chamar, e eu subo ali a menina disse que tinha que ser votado para ir para o museu. P/1: Não, qualquer pessoa pode vir, não precisa ser votado, não. R: Então para mim, obrigado, eu agradeço vocês muito. P/1: Imagina, obrigado você pela entrevista.

[PDF do Depoimento Completo](#)